

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

HERCÍLIA DE SOUZA SILVEIRA

AVALIAÇÃO DA MATURIDADE NECESSÁRIA PARA A
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS POR MEIO DOS
TESTES ABC DE LOURENÇO FILHO

São Paulo

2014

HERCÍLIA DE SOUZA SILVEIRA

**AVALIAÇÃO DA MATURIDADE NECESSÁRIA PARA A
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS POR MEIO DOS
TESTES ABC DE LOURENÇO FILHO**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade de Santo Amaro, sob a orientação do Prof. Dr. Neil Ferreira Novo e co-orientação da Profa. Dra. Yara Juliano.

São Paulo

2014

HERCÍLIA DE SOUZA SILVEIRA

**AVALIAÇÃO DA MATURIDADE NECESSÁRIA PARA A
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS POR MEIO DOS
TESTES ABC DE LOURENÇO FILHO**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde do Mestrado em Ciências da Saúde do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Santo Amaro.

Data de Aprovação: ____/____/2014

BANCA EXAMINADORA

Neil Ferreira Novo
Doutor
Universidade de Santo Amaro

Jane de Eston Armond
Doutora
Universidade de Santo Amaro

Gilberto Mitsuo Ukita
Doutor
Universidade de Santo Amaro

CONCEITO FINAL: _____

Dedico a Jesus pela força, sabedoria e discernimento. Aos meus familiares pelo apoio, presença e constante incentivo. Em especial ao marido Edeval, aos filhos Edeval Silveira Jr e Gabriela Silveira Miucci.

AGRADECIMENTOS

De uma forma muito especial agradeço a **Profª e Coordenadora Drª Patrícia Colombo de Souza** por toda a motivação que me soube transmitir, assim como as críticas e sugestões que me fez e que tanto me ensinaram, revelando o empenho e interesse que desde há primeira hora colocou nesta dissertação.

Ao **Profº Drº Neil Ferreira Novo e Profª Drª Yara Juliano** por acreditarem na minha capacidade de autoria e terem me acompanhado como orientadores na minha tentativa de tornar-me uma pesquisadora, ouvindo os meus discursos e chamando-me ao bom senso, sem com isso cercear minhas ações.

Ao **Profº Drº Túlio Konstantyner** pelas sugestões e contribuições dadas ao texto apresentado na qualificação para o enriquecimento deste trabalho.

Ao **Profº Drº José Ricardo Dias Bertagnon** pelas suas magníficas aulas, cuja constante colocação de pensamento e discussão, foram grande impulsionador da ideia embrionária que acabaria por resultar neste trabalho científico de investigação.

Aos **Professores, pais e alunos** que participaram neste estudo, pois sem a sua amável colaboração este trabalho não teria sido possível.

Em especial os meus agradecimentos à querida amiga e colega de curso, **Carla Cristina Lopes**, pelo carinho por estar sempre disposta a ajudar-me, por se preocupar comigo, por tentar me entender e por tornar os momentos difíceis em momentos agradáveis.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Paulo Freire

RESUMO

O objetivo deste estudo foi Avaliar o nível de maturidade para alfabetização de crianças da 1ª Série do Ensino fundamental-I, de uma escola da zona oeste de São Paulo. Compararam-se as crianças do gênero feminino ou masculino em relação aos níveis de maturidade, após a primeira avaliação, do Teste ABC de Lourenço Filho, bem como em relação às distribuições de frequência dos escores 0; 1; 2 e 3 para cada um dos oito Testes ABC, e em relação as classes inferior, médio ou superior na primeira avaliação. Estudou-se uma possível associação entre as crianças melhoradas ou não, numa 2ª avaliação, em relação às características familiares capazes de interferir na maturidade dos escolares a serem alfabetizados. A análise dos resultados mostrou que o teste se constitui em instrumento útil e de fácil execução para avaliar o nível de maturidade de escolares a serem alfabetizados.

Palavras-chave: Teste ABC de Lourenço Filho, Avaliação, Maturidade, Alfabetização, Aprendizagem.

ABSTRACT

The aim of this study was to evaluate the maturity level of literacy to children in 1st Grade -I elementary school , a school in west Sao Paulo . We compared the children of male or female gender in relation to levels of maturity , after the first evaluation , the ABC Test Lourenço Filho , as well as in relation to the frequency distributions of scores 0 ; one ; 2 and 3 for each of the eight tests ABC , and for the lower , middle or upper classes in the first assessment . We studied a possible association between improved or not children in a 2nd assessment in relation to family characteristics can interfere with the maturity of the students to be literate..

The results showed that the test is a useful tool and face execution to evaluate the maturity level of students to be literate.

Key-words : ABC Test Lourenço Filho , Evaluation , Maturity , Literacy Learning .

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Crianças do gênero feminino (Fem.) ou masculino (Masc.) do Ensino Fundamental-I, segundo os escores das oito (8) questões do Teste ABC de Lourenço Filho, observados na 1ª Avaliação. Resultados do Teste de Mann-Whitney, aplicado para avaliar os gêneros em relação a maturidade 33
- Tabela 2 – Alunos da 1ª série do Ensino Fundamental I do gênero feminino ou masculino segundo as frequências absolutas (N) e percentuais (%) dos escores atribuídos para cada uma das questões do Teste ABC de Lourenço Filho, na 1ª Avaliação aplicada em março de 2013. ----- 34
- Tabela 3 – Alunos da 1ª série do Ensino Fundamental-I do gênero feminino (Fem.) ou masculino (Masc.) segundo os níveis Inferior, Médio ou Superior, calculados de acordo com o escore total dos Testes ABC de Lourenço Filho, atribuídos na 1ª Avaliação em março de 2013. ----- 37
- Tabela 4 – Crianças do gênero feminino (Fem) ou masculino (Masc) dos grupos melhorados ou não melhorados em relação aos escores totais dos Testes ABC de Lourenço Filho, após a 2ª Avaliação. -- 38
- Tabela 5 – Alunos da 1ª série do curso fundamental I, segundo a classificação em “melhorados” ou “Não Melhorados” após a 2ª avaliação do Teste ABC de Lourenço Filho, e a presença de cada uma das características familiares dos pais ou responsáveis. -----39

Tabela 6	–	Crianças do 1º ano do Ensino Fundamental-I, segundo o nível inferior, médio ou superior de maturidade, apresentado na 1ª Avaliação (março 2013) e na 2ª Avaliação (junho 2013) pelo Teste ABC de Lourenço Filho.....	43
----------	---	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abreviatura 1 – L.D.B. - Lei de Diretrizes e Bases.

Abreviatura 2 – P.C.N's - Plano Curricular Nacional de Ensino.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
Maturação do Sistema Nervoso	18
Maturidade e Aprendizagem	19
Desenvolvimentos das Habilidades Cognitivas.....	20
Lourenço Filho	21
2. OBJETIVOS	24
Objetivo Geral	24
Objetivos Específicos.....	24
3. MÉTODO.....	25
Tipo de Estudo	25
Aspectos Éticos.....	25
Amostra.....	25
Instrumentos	26
Questionário dos Pais ou Responsáveis	26
Testes ABC de Lourenço Filho	26
Procedimentos de Coleta de Dados.....	27
Análise Estatística.....	29
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
Nível de Maturidade	30
5. CONCLUSÃO	45
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
<u> </u> Anexos	52

1. INTRODUÇÃO

A década de 30 foi marcada por grandes alterações na educação. Uma dessas mudanças foi a introdução da ideia de mensuração. A utilização de testes padronizados significou uma ampliação dos mesmos, segundo Saul¹. Passou por estudos avaliativos de desempenho dos alunos e incluiu outros instrumentos. Da variedade dos estudos desenvolvidos teve grande repercussão dos meios educacionais, R. W. Tyler e Smith se destacaram nesses estudos e tais procedimentos incluíam uma diversidade de ações como avaliação utilizando testes, questionários, acompanhamento de comportamento e outras formas de apurar evidências sobre o rendimento escolar do aluno².

O processo de avaliação supracitado pode ser estendido à nossa vida a qual está marcada pela experiência de avaliação. Na sociedade em que vivemos somos constantemente levados a julgar e a julgamento; frequentemente nos damos conta analisando e observando o mundo que nos cerca³.

Entre os autores citamos também Luckesi⁴ para o qual avaliar é uma das partes mais complexas do aprendizado escolar, sendo por isso necessária e que, da avaliação depende todo o aprendizado do estudante. Deva ter critérios concretos, que sejam condizentes com a interação entre professor e aluno.

Já para Condemarín e Medina⁵ o processo educativo a responsabilidade exclusiva é do educador, ao qual é atribuída a condição única de habilitação para garantir tal educação. Não se trata por tanto de uma situação que deve contar com a participação de educador e educando. Considere-se também, que historicamente, o processo avaliativo tem sido encarado por tudo isso como um processo de mão única, a partir do educador. Portanto ele é exterior ao aluno⁵.

Pelo exposto ficam evidentes que, quando nos referimos ao termo avaliar, encontramos várias definições, vários aspectos teóricos em torno do problema. O que avaliar? Porquê? Quando avaliar? Qual a finalidade de avaliar? Que instrumentos utilizar para avaliar? Para Lourenço Filho, essas questões estão implícitas no trabalho que desenvolveu e que aqui é objeto de estudo.

Essas questões tornam-se necessárias para que a clássica forma de avaliar, sempre buscando erros e culpados sejam substituídas por uma forma dinâmica de avaliação, portadora de elementos de transformação crítica⁶.

Como visto pelos autores citados e que constitui um pequeno exemplo, a avaliação pode ser considerada um termo de múltipla interpretação. Então o que é o ato de avaliação? É o de diagnosticar uma experiência, considerando reorientá-la para conseguir o melhor resultado possível. Por isso, não é nem seletiva nem classificatória. Só poderá ser inclusiva e diagnóstica, diferentemente do fator examinar, porque a prova de exame escolar é seletiva e classificatória podendo também ser excludente. Isso porque examinar não se destina à construção do melhor resultado possível, mas apenas, sim, tem a ver com a classificação estática do que é examinado. O centro da questão de avaliar está focado numa construção. Construção dos melhores resultados possíveis⁴.

O ato de examinar está voltado somente para o julgamento de aprovação e reprovação. Pelo citado são atos totalmente opostos, no entanto, os professores em geral na sua vida escolar cotidiana ignoram tal situação e assim, utilizam exames acreditando que estão fazendo avaliação. Portanto, fica constatado que avaliar não é examinar⁷.

Como afirma Luckesi (2011)⁴ no dia a dia escolar acabam denominando coletas de dados com métodos de avaliação. Este equivoco torna mais difícil usar exames pensando que estamos fazendo avaliação. Tais modelos de atividades, (provas), passaram imediatamente a serem denominados instrumentos de avaliação.

É importante discutir a expressão “instrumento de avaliação”, que quase sempre se compõe de testes, redações, monografias e exames conforme Hoffmann⁷. Tais instrumentos pretende-se que sejam utilizadas para chegar ao conceito avaliativo: (1) seria uma forma de elaborar o caráter da realidade do estudante; (2) implica em critérios qualitativos a serem manipulados no processo de significado da realidade; (3) seriam procedimentos de comparação de uma verdadeira configuração com critérios de busca da verdade preestabelecidos. Luckesi⁴ declara que a arguição, redação, questionário, provas, vários tipos de testes, só para citar alguns modelos acabam se constituindo em instrumentação de coletas de dados para apurar a configuração da realidade. Tal realidade apura a qualificação de aspectos existente no foco e núcleo da atividade avaliadora⁸.

Neste aspecto todos os envolvidos professores e alunos são objetos e sujeitos de avaliação. Mas não só eles, avaliação se estende num segundo momento para a equipe de orientação, supervisão, escola, e pais. Reforça que são

vários os aspectos em que os professores acabam agindo inconscientemente na prática de uma avaliação da aprendizagem escolar. Repetem, mecanicamente, velhas formulas avaliativas que acabam se tornando uma práxis repetitiva e pouco produtiva².

A ideia de avaliar o aluno, como medida do desenvolvimento do mesmo, está mitificada na ideia dos professores, pais e dos próprios alunos. As dificuldades para superação dessa concepção, Hadji apud Chueiri (2008)⁹, declara que reside na suposta confiabilidade das medidas em educação e nos parâmetros utilizados pelos professores para atribuir notas aos alunos. Além disso, esse processo desemboca num significado equivocado: todos os efeitos ganham os prejuízos do estudante durante o processo, acabam sendo produto de uma operação e são expressos de uma forma neutralizada e expressando a isenção do professor da responsabilidade num momento em que avaliou.

Fez parte do projeto de Lourenço Filho (1962)¹⁰, a preocupação com termos centrais da dificuldade de aprendizagem. Entre estes cite-se processo de avaliar e o de maturidade. No ano de 1934, lançou a 1ª edição de Testes ABC- para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, uma forma de avaliar a maturidade da criança a ser alfabetizada.

Quando da elaboração dos testes ABC, um projeto que avaliou mais de 20.000 crianças na 1ª série do Ensino Fundamental I, colocou também um problema central da educação infantil, a deficiência da aprendizagem, conforme Silva, G.B.; Schelbauer, A.R. Lourenço Filho (2007)¹¹. A atividade avaliadora desenvolvida pelo grande educador e intelectual esteve diretamente relacionada com as outras partes de seu projeto. Ou seja, partia da ideia que deveria avaliar para identificar a maturidade das crianças, visando a apurar quão habilitados estavam para aprendizagem¹².

A criação dos testes ABC de Lourenço Filho (1962)⁸ oferecia a possibilidade da organização da população a ser alfabetizada que era desordenada e que todos anos matriculavam suas crianças que não compareciam as aulas, segundo Monarcha (2001)¹³. O *testes ABC para a verificação da maturidade necessária a à aprendizagem da leitura e da escrita*, resumia-se na aplicação de oito testes os quais avaliavam a maturidade das crianças visando o aprendizado da leitura e da escrita. Dessa forma de avaliação e dependendo da pontuação do aluno avaliado, resultava uma curva normal, a partir da qual tornava-se possível classificar os alunos

em três grupos homogêneos de crianças consideradas inferior, médias e superior. Tais testes eram demonstrados, portanto, como possibilidade de concretizar uma classificação inicial de todos os alunos que ingressavam na escola primária. Permitiria aos professores um melhor desempenho em sala de aula¹⁴.

Alem disso os resultados obtidos nos testes facultavam prever a quantidade de tempo a ser dispensado à aprendizagem da leitura e da escrita. As crianças classificadas como Superior com pontuação entre 17 a 24 pontos aprenderiam a ler e escrever sem dificuldade no período de um semestre. O grupo classificado como médio com pontuação entre 12 a 16 pontos aprenderia no prazo de um ano letivo. O grupo inferior com pontuação entre 0 a 11 pontos não conseguiria ou não tem com maturidade suficiente para ler e escrever no mesmo prazo que as crianças do nível médio e superior, possivelmente necessitará de acompanhamento especializado e em números reduzidos¹².

Durante a aplicação dos testes ABC de Lourenço Filho (1962)¹⁰ observou-se as atitudes e comportamentos apresentados diante da facilidade ou dificuldades encontradas pela criança na execução dos oito testes ABC. Isso serviu como ponto de partida para o estudo individualizado das crianças. Através dos testes verificamos os seguintes aspectos de maturidade necessários para o aprendizado da leitura e da escrita. As questões foram: 1-Coordenação visual-motora; 2-Memorização visual e denominação de figuras; 3-Reprodução motora e gráfica de figuras invertidas; 4-Memorização auditiva e capacidade de prolação; 5-Coordenação auditiva motora na reprodução de estória; 6-Capacidade de prolação de palavras polissílabas; 7-Coordenação visual motora e índice de fatigabilidade; 8-Índice de atenção dirigida⁹.

Os testes ABC são recursos simples, eficientes econômicos, rápidos e de fácil utilização, pois foram aplicados em apenas oito minutos. E isso permitiu apurar o grau de maturidade de uma criança para o aprendizado da leitura e da escrita¹⁰.

A importância deste trabalho se justifica na medida em que se busca entender as razões que levam as crianças na primeira fase escolar a apresentarem diferentes aproveitamentos, quase sempre deficientes, tornando invariavelmente os grupos assumirem formas heterogêneas. Torna-se importante ressaltar que numa classe de iniciante os aproveitamentos são como referidos acima: variados quanto ao aproveitamento e isso promove ao mesmo tempo a dispersão, desinteresses e dificulta o aprendizado. Este aspecto é determinante para buscarmos entender a importância da maturidade da criança na aprendizagem.

Justifica-se também que dos seus resultados decorra a apuração de dados que poderão ser aplicados aos alunos para alcançar um melhor aproveitamento escolar e possivelmente corrigirem todas as dificuldades diagnosticadas e assim evitar o insucesso acadêmico no aprendizado da leitura e escrita.

Corrigir as distorções básicas, observando o processo de aprendizagem daqueles que já se apresentam com deficiência na maturidade, isto é ponto fundamental para posterior desenvolvimento pessoal, ou seja, repercutirá em toda a vida acadêmica; ao contrário disso, pode provocar a desistência dos alunos em continuar os estudos.

Também é justificável porque levou a um teste de sua validade num contexto histórico diferente, daquele que foi aplicado inicialmente. Ressalte-se, que da mesma maneira que na época inicial de sua aplicação, também agora trata-se de um momento de grande transição.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Maturação do Sistema Nervoso

A maturação do sistema nervoso possibilita o desenvolvimento e o aprendizado progressivo das habilidades. A maturação neurológica está relacionada com o processo de mielinização, afirma Reed (2005), p.395 in Pinheiro (2007)¹⁵. Isto acontece no final do estágio de maturação ontogenética do sistema nervoso, iniciado no sexto mês de gestação. A intensificação da mielinização ocorre por volta dos dois anos de idade do bebê.

Pinheiro (2007)¹⁵ afirma que alguns neurônios de formação reticular completam a mielinização na puberdade, podendo avançar algumas décadas, porém o controle motor fino será alcançado após o término da formação da mielina, na adolescência.

A mielina é uma substância lipo-protéica produzida por certos tipos de glíócitos; estas células se enrolam em torno dos axônios, formando uma bainha isolante de mielina que, entre outros, contribui para aumentar a velocidade de propagação do impulso nervoso, atribuindo maior eficiência na transmissão da informação. Dessa forma, o processo de mielinização tem uma relação direta com a aprendizagem¹⁵.

Após a fase de intensa mielinização e desenvolvimento sensorial, observa-se a fase de compreensão das frases. Quanto mais o adulto interagir com as crianças nesta fase, maior será o desenvolvimento da expressão linguística dela¹⁵.

É esperado que a criança, na fase pré-escolar, demonstre um aumento da capacidade de autonomia. Além disso, é esperado um bom relacionamento social, conhecimentos de percepção de formas, controle das habilidades motoras, expressão linguística amadurecida com ações organizadas Intencionais¹⁶.

Nesta fase verifica-se o nível das capacidades cognitivas desenvolvidas, tanto morais, sociais apresentando comportamentos adequados que possam facilitar a adaptação na escola. Isso demonstra autonomia quanto aos cuidados com a higiene pessoal e no vestir-se, necessitando de pouco auxílio para desempenhar estas funções¹⁶.

Na fase pré-escolar a criança, com cinco anos de idade, demonstra conhecimentos de percepção de formas, habilidade motora e de expressão linguística amadurecidas com ações organizadas (Intencionais), Gallahue, D. L. & Ozmun, J. C.(2005)¹⁷.

Maturidade e Aprendizagem

Como visto, de acordo com autores acima citados, neurologicamente a aprendizagem depende da maturidade. Dar provimento a esse processo é saber o que esperar da criança a cada estágio de aprendizagem, não exigindo dela uma atitude de comportamento em desacordo com o seu grau de maturidade¹⁶.

A aprendizagem acontece também no meio ambiente de interação social, em que a criança está inserida, onde acontece a assimilação e acomodação, transformando as informações em conhecimento devido à plasticidade dos processos neurais cognitivos. Desta forma, a aprendizagem inicia com um estímulo de natureza físico-química, oriundo do ambiente que é transformado em impulso nervoso por todos os órgãos dos sentidos¹⁹.

Maturidade é um processo assimilado no qual se dá a mudança e o crescimento progressivo. Tal crescimento verifica-se nas áreas físicas e psicológicas do organismo infantil, sob a influência da hereditariedade²⁰.

A maturidade da criança informa Piaget (2007)²¹, advém do momento em que o organismo qualifica-se para a execução de uma atividade. Podemos falar de maturidade em qualquer fase da vida, pois ela também está em desenvolvimento Vygotski (2001)²². Segundo Piaget (1986)²³, a maturidade infantil está ligada a estágios definidos. Tais estágios ocorrem de uma maneira sequencial e imutável. Por exemplo, a criança que fala com um ano de idade está logicamente apresentando maturidade para essa função. Mas há também maturidade social, emocional, sexual, mental, enfim um quadro de amadurecimento da personalidade em geral, a qual a criança atingirá com o seu grau de desenvolvimento de acordo com os estágios do crescimento²¹.

Conforme Vayer (1982)²⁴, o desenvolvimento da criança exige uma integração com o seu corpo, com o mundo dos objetos. Isso se dá porque ela cresce exercendo neste mundo o seu ego, e socialmente integrada com o mundo externo.

Vygotsky (2001)²⁵, afirma que a teoria da aprendizagem nunca se inicia no vácuo, a sua ideia básica é de que a criança interessa-se por algo que ela possui conteúdo e certo conhecimento e a interação social é o ponto crucial do desenvolvimento cognitivo Vygotsky (2001)²⁵. Esse elemento comprova que a construção do conhecimento pela criança está identificada nas fases prescritas por Piaget (2007)²¹, exemplo: 1º período: Sensório-motor (0 a 2 anos); 2º período: Pré-operatório (2 a 7 anos); 3º período: Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos) e 4º período: Operações formais (11 ou 12 anos em diante)).

Desenvolvimentos das Habilidades Cognitivas

As habilidades cognitivas decorrem da nossa capacidade de percepção, memória e habilidade nos movimentos, através delas nos é permitido processar e compreender as informações recebidas dos sentidos. A dificuldade da cognição é na maioria das vezes decorrente de transtornos preexistentes como, por exemplo, acidentes, lesões ou falta de ingestão de vitaminas necessárias para um bom funcionamento cerebral²⁶.

As pesquisas de Piñeiro (2010)²⁶ mostraram a grande vinculação existente entre a cognição e a nutrição, e apontam que para o perfeito desenvolvimento e funcionamento do cérebro, é necessária a ingestão de macronutrientes (hidratos de carbono, gorduras e proteínas) como de micronutrientes (vitaminas e minerais). As pesquisas ainda indicam que a falta destes nutrientes, nos primeiros anos de vida, pode retardar o desenvolvimento psicomotor e a capacidade de aprendizagem. O autor afirma que também a desnutrição afeta o nível de atenção, a memória e a atividade motora.

Pesquisadores da Neuroeducação comprovam que os fatores genéticos e ambientais influenciam o desenvolvimento cerebral e modelam o comportamento, as emoções, a estrutura física, as habilidades cognitivas e a personalidade, favorecendo a adaptação do ser humano no meio em que está inserido²⁷.

O processo construtivo acontece nos primeiros anos de vida, num período que vai do nascimento até os oito anos de idade. É uma fase de formação do indivíduo, onde ele estará sendo moldado tanto familiar, social e culturalmente de uma forma quase definitiva. Nessa etapa da vida o processo de educação da criança

tem fator primordial, porque toda a estrutura mental está em plena fase de desenvolvimento e amadurecimento^{27, 28}.

Lourenço Filho

O autor em referência, Manuel Bergström Lourenço Filho, nasceu numa época de turbulência, em Porto Ferreira cidade do interior paulista em 10 de março de 1897. Figura intelectual eminente da cultura e do ensino brasileiro foi um dos personagens mais importantes da Escola Nova Brasileira e grande educador. Foi duramente criticado por ter colaborado com o Estado Novo de Getúlio Vargas. No entanto, sua contribuição para a educação brasileira é indiscutível. Sua obra tem sido muito revisitada. Ela nos revela diversos aspectos do intelectual educador imensamente participativo e preocupado com o contexto social e a prática cotidiana de sala de aula²⁹.

Desde sua infância, Lourenço Filho manteve-se em contato com a literatura, lendo compulsivamente a vasta oferta de livros colocada à disposição em sua casa.

Começou seus estudos na cidade vizinha de Porto Ferreira, Santa Rita de Passa Quatro. Depois mudou-se para Campinas de onde voltou para Pirassununga de onde mudou-se definitivamente para São Paulo. Na capital formou-se na Escola Normal Secundaria em 1917. Daí matriculou-se na faculdade de medicina conheceu a psiquiatria e adquiriu conhecimento para atuar na psicologia. Envolveu-se com o diretório acadêmico da medicina, resolveu cursar direito abandonando a medicina. Em 1919 ingressou na faculdade de Direito em São Paulo, onde bacharelou-se em 1920, depois de uma jornada várias vezes interrompidas em atividades desenvolvidas principalmente no campo educacional³⁰.

Lourenço Filho, ainda menino, aos oito anos ainda deu sintomas de uma vida profissional antecipada quando fundou um jornal seu, O Pião, do qual era chefe, redator e tipógrafo. Esse comportamento mostrará que o jornal não era uma brincadeira de criança: tal exercício foi um “insight” para atividades profissionais posteriores. Mas tarde virá desempenhar funções de jornalista nos jornais Estado de São Paulo, Jornal do Comércio e na Revista do Brasil, na qual, trabalhou com Monteiro Lobato³⁰.

Desde o exame de admissão, prestada na escola normal primaria de Pirassununga, manifestou-se o seu talento revelando-se, tanto no desempenho discente como professor, Monarcha (2001)⁹. Ele afirma que na época já ministrava aulas particulares de preparação para o curso adimensional. Sua primeira experiência no ensino, deu-se em 1915 em sua terra natal¹².

Na Escola Normal Primaria de São Paulo, deu-se uma nova aproximação com a sala de aula. Ai lecionou diversas disciplinas pedagógicas. Isso foi em 1920. Em 1921 foi nomeado para cátedra de psicologia e pedagogia da Escola Normal de Piracicaba, onde fundou a Revista de Educação, recheada por muitos artigos que escreveu. Casou-se em 1921 com Aída de Carvalho, sua namorada desde os tempos de normalista em Pirassununga¹³.

Neste momento é factível de detectar-se a corrente harmônica entre o leitor, pesquisador, administrador, professor e escritor. Esses aspectos começavam a tomar corpo no homem Lourenço Filho³⁰.

Em 1922 recebeu um convite do governo cearense e assumiu o cargo de Diretor da Instrução Pública do Estado e lecionava na Escola Normal de Fortaleza. Ali empreendeu várias reformas as quais repercutiram no país inteiro funcionando como germe dos grandes movimentos nacionais de renovação escolar das primeiras décadas do século²⁹.

Retornou a Piracicaba em 1924, onde lecionou na Escola Normal. A seguir ocupava a vaga de Psicologia e Pedagogia por seis anos. Foi uma época de grande produção, quando publicou muitos textos e fez inúmeras traduções. Influenciado pela Psicologia Experimental, a influência desta disciplina é muito clara na sua obra nesse momento¹².

Participou ativamente das Conferencias Nacionais de Educação de 1927 e 1928, que se realizara em Curitiba e Belo Horizonte. Nessas reuniões pode demonstrar suas teses quanto ao ensino primário e a necessidade da liberdade dos currículos escolares. Com relação ao Manifesto dos Pioneiros de Educação Nova de 1932, foi sem sombra de dúvida, uma das vozes mais importante daquele momento. Não foi um nome que apareceu em manchete de jornais ou algo semelhante. Mas sua participação intelectual fez-se de forma intelectualizada e presente em todos os momentos da daquele movimento¹³.

A obra de Lourenço Filho foi imensamente vasta. No entanto não se pode vinculá-la de um modo mesquinho apenas a temática do grande movimento Escola

Novista. Além de ter assinado Manifesto, foi um intelectual educador que perseguia o novo, que bebia na aurora do novíssimo, interessando-se por todas e ultimas novidades pedagógicas a começar do plano internacional. O fazer pedagógico era também um objetivo que não deixava de executar. Pensando em aspectos de sala de aula em planejamento escolar e principalmente quanto ao aprendizado¹².

Se analisarmos a realidade escolar do Brasil observaremos que é um terreno onde há vasto campo para contribuições. É naturalmente empobrecido enquanto às realizações educacionais apresentando deficiências crônicas e históricas. Isso movia Lourenço Filho sempre preocupado com esse nível paupérrimo de educação. Suas viagens para o Brasil e ao exterior, suas experiências e sua imensa capacidade intelectual, cultural e de administrador lhe garantiram poder escrever nas mais variadas áreas da cultura em geral. História do Brasil, geografia, Psicologia, onde desenvolveu texto sobre medidas de testes na educação da maturidade humana, além de estatísticas e sociologia¹².

Considerando o campo educacional percebemos que sua contribuição envolve numa variada temática. Isso inclui alfabetização infantil, escola primaria, e a alfabetização de adultos, ensino técnico rural, secundário, didática universitária, metodologia do ensino, administração escolar, avaliação educacional, orientação educacional, formação de professores e educação física. Contribuiu também no campo da literatura infanto juvenil escrevendo textos espalhados por numerosas revistas, numerosos livros, cartilhas e jornais. Proferiu inúmeras conferencias, apresentações e ainda redigiu inúmeros prefácios. Seus livros foram escritos e outros traduzidos para o espanhol, francês e inglês¹³.

O perfil de educador e intelectual conferido a Lourenço Filho pode ser percebido através destas informações cuja formação profissional e os profundos vínculos podem ser notados de acordo com a sua posição e atuação. Conforme cita Monarcha (2010)¹², ele também exerceu cargos na administração pública federal- quando foi diretor de gabinete de Francisco Campos. Foi diretor geral do Departamento de Educação (nomeado por Gustavo Capanema), em 1937. Foi diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos entre 1938 a 1946- e sobre tudo foi um excepcional professor e aplicado estudioso de assunto didático pedagógico. Viveu seus últimos anos no Rio de Janeiro e, vítima de colapso cardíaco, faleceu em 03 de agosto 1970¹³.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Avaliar o nível de maturidade para alfabetização de crianças da 1ª Série do Ensino fundamental-I.

Objetivos Específicos

1. Comparar as crianças do gênero feminino ou masculino
 - em relação aos níveis de maturidade, após a primeira avaliação, do Teste ABC de Lourenço Filho.
 - em relação as distribuições de frequência dos escores 0; 1; 2 e 3 para cada um dos oito Testes ABC
 - em relação as classes inferior, médio ou superior na primeira avaliação do Teste ABC de Lourença Filho.
2. Comparar as características familiares das crianças segundo melhora ou não melhora no final do estudo.
3. Comparar a primeira e segunda avaliação do Teste ABC de Lourenço Filho em relação à frequência dos níveis inferior, médio e superior.

3. MÉTODO

Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo prospectivo observacional longitudinal.

Aspectos Éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santo Amaro (CEP-UNISA), via Plataforma Brasil, segundo CAAE número 06968812.9.0000.0081 e parecer número 151.320 (Anexo A).

As crianças e seus responsáveis foram esclarecidos sobre o objetivo da pesquisa e o caráter voluntário de sua participação, mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). Os testes foram aplicados somente após a apresentação e concordância dos responsáveis pelas crianças.

Amostra

O estudo foi realizado em uma escola da rede de ensino público estadual de São Paulo, localizada na zona oeste do município de São Paulo. Esta Instituição utiliza o método de ensino construtivista e se pauta tanto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), quanto no Plano Curricular Nacional de Ensino (PCN's) para a construção do seu currículo.

A amostra foi composta por alunos matriculados na 1ª série do Ensino Fundamental I, com idades entre 6 anos e 7 anos, nas classes A e B, matriculados no período da manhã.

Como critérios de inclusão, foram considerados elegíveis para o estudo os alunos matriculados na 1ª série do Ensino fundamental I, com idades entre 5 e 8 anos, que estavam frequentando as aulas desde o começo do ano (fevereiro de 2013). Em relação aos critérios de exclusão, não participaram da pesquisa as crianças matriculadas após a 1ª Avaliação.

O total de matriculados na 1ª série do Ensino fundamental I somou 61 alunos. Entretanto, 7 alunos foram transferidos para outras escolas a pedido dos pais e 2 alunos nunca compareceram a escola, apesar de estarem matriculados.

Dessa forma, amostra final foi constituída por 52 escolares, sendo 27 do gênero feminino (51,9%) e 25 do masculino (48,1%). Em relação à idade, 22 crianças tinham 6 anos (42,3%) e 30 tinham 7 anos (57,7%), sendo a idade média de 6,6 anos e com um desvio padrão de 0,5 anos.

Instrumentos

Os instrumentos aplicados foram dois:

- 1) Questionário dos Pais ou Responsáveis (Anexo C).
- 2) Testes ABC de Lourenço Filho (Anexo D).

Questionário dos Pais ou Responsáveis

Questionário de entrevista dos pais ou responsáveis é composto por perguntas objetivas e foi elaborado pela autora com o propósito de avaliar o quanto a criança tem autonomia, o envolvimento dos pais ou responsáveis na educação em casa e sua participação na escola. A linguagem deste questionário baseou-se em palavras simples e comuns. Portanto, o formulário deste estudo contemplou questões fechadas sobre formação dos pais, meios de transporte utilizado para chegar à escola.

O questionário está composto de 26 questões agrupadas, tendo como eixo central a criança e a família. Na sua construção incluiu em linhas gerais a criança e a sua autonomia, o relacionamento escolar e o meio social no qual está inserida.

Testes ABC de Lourenço Filho

Os Testes ABC de Lourenço Filho são constituídos por oito (8) testes, que têm por finalidade avaliar o nível de maturidade requerido para a aprendizagem da

leitura e da escrita (LOURENÇO FILHO, 1962). Os testes devem ser aplicados individualmente para observar as atitudes e comportamentos da criança.

Os testes mensuram os seguintes aspectos relacionados com a maturidade:

- Teste 1 – Coordenação visual-motora;
- Teste 2 – Memorização visual e denominação de figuras;
- Teste 3 – Reprodução motora e gráfica de figuras invertidas;
- Teste 4 – Memorização auditiva e capacidade de prolação;
- Teste 5 – Coordenação auditiva motora na reprodução de estória;
- Teste 6 – Capacidade de prolação de palavras polissílabas;
- Teste 7 – Coordenação visual motora e índice de fatigabilidade;
- Teste 8 – Índice de atenção dirigida.

Cada um dos itens acima recebeu escores de 0 a 3, além de um escore total, representado pela soma dos oito testes. Com escore máximo possível igual a 24. A partir do escore total os alunos foram alocados nas seguintes classes:

- 0 a 11 pontos são classificados com nível Inferior de maturidade;
- 12 a 16 pontos são classificados com nível Médio de maturidade;
- 17 a 24 pontos são classificados com nível Superior de maturidade.

Segundo Lourenço Filho, o nível Inferior, de 0 a 11 pontos, demonstra que a criança aprenderá com dificuldade e necessitará de atenção individualizada do professor. O nível Médio, de 12 a 16 pontos, traduz uma aprendizagem normal, ao longo de um ano letivo, e o nível Superior, de 17 a 24 pontos, prevê que as crianças aprenderão com facilidade em um semestre letivo.

Procedimentos de Coleta de Dados

Diante da notável recepção da escola onde foi realizada a pesquisa, procurou-se um contato inicial com a Diretora, e a Coordenadora Pedagógica e Educacional, para a exposição da proposta da pesquisa. Esclarecidos os passos necessários que antecedem a aplicação dos Testes ABC de Lourenço Filho, foi realizada uma demonstração autorizada pela Coordenadora Pedagógica e

Educacional. Dessa forma, obteve-se uma carta de autorização para realização da pesquisa assinada pelo responsável pela escola (Anexo E).

Os Testes ABC de Lourenço Filho para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita foram utilizados inicialmente numa 1ª Avaliação, em março de 2013, com o objetivo de verificar o nível de maturidade ao início do 1º ano do Ensino Fundamental I. Uma 2ª Avaliação foi realizada em junho de 2013, com a finalidade de observar as possíveis mudanças ocorridas, num período de três meses, em cada uma das crianças estudadas.

Os Testes ABC de Lourenço Filho foram aplicados individualmente. Para isso, foi utilizada a sala de estudos que ficava ao lado das classes. Os alunos foram convocados na ordem alfabética para a aplicação dos testes. Para iniciar a aplicação dos testes foi necessário ler o manual e preparar com antecedência os oito testes propostos para verificar a maturidade das crianças para a alfabetização. Após aplicação dos testes os resultados foram apresentados num formulário quadriculado (Figura1).

TESTES ABC									
Nome do aluno.....					Sexo.....				
Idade em meses.....					Nacionalidade.....				
Filiação.....									
Profissão do pai.....									
RESULTADO		1	2	3	4	5	6	7	8
3									
2									
1									
0									
Data do exame.....									
Examinado por.....									

Figura 1 – (Fonte: LOURENÇO FILHO, 1969, p. 139).

Análise Estatística

Levando-se em consideração a natureza das variáveis estudadas, para a análise dos resultados foram aplicados testes não paramétricos. Em todas as análises, o nível de significância foi fixado em 0,05 ou 5%. Foram aplicados os seguintes testes:

1. Teste de Mann-Whitney³¹ com o objetivo de comparar os gêneros feminino ou masculino em relação aos valores dos escores dos oito testes da primeira avaliação do Teste ABC de Lourenço Filho.
2. Teste do Qui-quadrado (χ^2) ou Teste Exato de Fisher³¹, com o objetivo de comparar os gêneros feminino ou masculino com relação aos escores de 0 a 3 para cada uma das questões do Teste ABC de Lourenço Filho. O mesmo Teste foi utilizado para comparar os gêneros em relação aos níveis estipulados pelo Teste ABC. Foi utilizado o mesmo Teste para comparar as crianças melhoradas ou não melhoradas com relação às características familiares.
3. Teste kappa de Concordância³¹ complementado pelo teste de McNemar³¹, com o objetivo de comparar, para cada criança, independente do gênero, os níveis observados na 1ª avaliação (março 2013) e na 2ª avaliação (junho de 2013).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nível de Maturidade

Inicialmente procedeu-se a uma comparação entre gêneros feminino ou masculino com relação aos escores do “Teste ABC de Lourenço Filho”. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1- Crianças do gênero feminino (Fem.) ou masculino (Masc.) do Ensino Fundamental-I, segundo os escores das oito (8) questões do Teste ABC de Lourenço Filho, observados na 1ª Avaliação. Resultados do Teste de Mann-Whitney, aplicado para avaliar os gêneros em relação à maturidade.

(Dados Básicos na tabela A do anexo F)

Questão	1		2		3		4		5		6		7		8		total	
	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc
Media	1,9	1,8	2,0	2,0	1,1	1,0	1,5	1,4	0,8	0,9	2,0	2,1	2,3	1,5	2,3	2,6	13,9	13,5
Mediana	2,0	2,0	2,0	2,0	1,0	1,0	2,0	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,1	3,0	14,0	13,0

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	<u>6</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>Total</u>
Z= 0,28 (P<0,7891)	Z=0,42 (P=0,6753)	Z=0,46 (P=0,6437)	Z=0,76 (P=0,4496)	Z =0,24 (P=0,8102)	Z=0,44 (P=0,6629)	Z=2,89 (P=0,0038)	Z=1,4 (P=0,1397)	Z=0,5 (P=0,5575)

A análise dos resultados acima, apenas revelou diferença significativa, com valores maiores para o gênero feminino, na questão 7.

Distribuições de escores

Cada uma das oito (8) questões do Teste ABC de Lourenço Filho, recebeu escores 0;1;2 ou 3. Ainda com o objetivo de comparar os gêneros feminino ou masculino, foram arrolados na tabela 2, os resultados observados na 1ª Avaliação para cada uma das questões.

Tabela 2- Alunos da 1ª série do Ensino Fundamental I do gênero feminino ou masculino segundo as frequências absolutas (N) e percentuais (%) dos escores atribuídos para cada uma das questões do Teste ABC de Lourenço Filho, na 1ª Avaliação aplicada em março de 2013.

Questão-1 – Coordenação visual motora.

Escore	Gênero			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
0	0	0,0	1	4,0
1	7	25,9	8	32,0
2	15	55,6	10	40,0
3	5	18,5	6	24,0
Total	27	100,0	25	100,0

$$X^2 = 2,08 \text{ (p=0,5552)}$$

Questão-2 – Memorização Visual e Denominação de Figuras

Escore	Gênero			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
0	0	0,0	0	0,0
1	2	7,4	4	16,0
2	24	88,9	16	64,0
3	1	3,7	5	20,0
Total	27	100,0	25	100,0

$$X^2 = 4,86 \text{ (p=0,0879)}$$

Questão-3 - Reprodução Motora e Gráfica de Figuras Invertidas

Escore	Gênero			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
0	2	7,4	1	4,0
1	20	74,1	22	88,0
2	4	14,8	2	8,0
3	1	3,7	0	0,0
Total	27	100,0	25	100,0

$$X^2 = 2,02 \text{ (p=0,5680)}$$

Questão-4 – Memorização Auditiva e Capacidade de Prolação

Escore	Gênero			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
0	3	11,1	1	4,0
1	8	29,6	14	56,0
2	16	59,3	10	40,0
3	0	0,0	0	0,0
Total	27	100,0	25	100,0

$$X^2 = 3,95 \text{ (p=0.13388)}$$

Questão-5 - Coordenação Auditiva Motora na Reprodução de Estória

Escore	Gênero			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
0	10	37,0	8	32,0
1	11	40,7	12	48,0
2	6	22,2	4	16,0
3	0	0,0	1	4,0
Total	27	100,0	25	100,0

$$X^2 = 1,59 \text{ (p=0,6614)}$$

Questão-6 – Capacidade de Prolação de Palavras Polissílaba.

Escore	Gênero			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
0	1	3,7	0	0,0
1	3	11,1	3	12,0
2	18	66,7	16	64,0
3	5	18,5	6	24,0
Total	27	100,0	25	100,0

$$X^2=1,13 \text{ (p=0,7690)}$$

Questão-7 - Coordenação Visual Motora e Índice de Fatigabilidade

Escore	Gênero			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
0	0	0,0	5	20,0
1	4	14,8	6	24,0
2	11	40,7	11	44,0
3	12	44,4	3	12,0
Total	27	100,0	25	100,0

$$X^2 = 10,74 \text{ (p=0,0132)}$$

Questão-8 – Índice de Atenção Dirigida

Escore	1ª Avaliação			
	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
0	0	0,0	0	0,0
1	4	14,8	1	4,0
2	10	37,0	7	28,0
3	13	48,1	17	68,0
Total	27	100,0	25	100,0

$$X^2 = 2,79 \text{ (p=0,2478)}$$

Os resultados apresentados nas tabelas acima, não mostram diferenças significantes entre o gênero Feminino ou Masculino quando comparados em relação a sete itens dos Testes ABC de Lourenço Filho. Somente na questão 7 foi encontrada diferença significativa. Segundo, Smolevsky, Gaverdouskiy (1996) in34, historicamente os meninos possuem mais habilidades em esportes coletivos, sendo que as meninas têm mais habilidades em atividades individuais e mantém mais interesses em detalhes.

FORMAÇÕES DE CLASSES

Na busca por detectar possíveis diferenças entre os gêneros feminino ou masculino elaborou-se a **Tabela-3**, na qual foram comparados os dois gêneros em relação à distribuição de frequências dos três níveis.

Tabela-3 – Alunos da 1ª série do Ensino Fundamental-I do gênero feminino (Fem.) ou masculino (Masc.) segundo os níveis Inferior, Médio ou Superior, calculados de acordo com o escore total dos Testes ABC de Lourenço Filho, atribuídos na 1ª Avaliação em março de 2013.

Níveis	1ª Avaliação				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Inferior	3	11,1	6	24,0	9	17,3
Médio	22	81,5	16	64,0	38	73,1
Superior	2	7,4	3	12,0	5	9,6
Total	27	100,0	25	100,0	52	100,0

$$\chi^2 = 2,07 \text{ (p=0,3546)}$$

O Teste do Qui-quadrado não mostrou diferença significativa entre os gêneros, quando comparados em relação as distribuição de frequência das classes de escore total.

Ainda com o objetivo de comparar os gêneros, em relação ao efeito da 2ª Avaliação, as crianças foram classificadas em dois grupos:

Crianças melhoradas, quando o escore total dos Testes ABC de Lourenço Filho da 2ª Avaliação foi maior do que os da 1ª avaliação.

Crianças não melhoradas, quando a diferença dos escores totais da 2ª Avaliação foram iguais ou menores do que o escore total da 1ª Avaliação. Os resultados são apresentados na tabela 4.

Tabela 4 – Crianças do gênero feminino (Fem) ou masculino (Masc) dos grupos melhorados ou não melhorados em relação aos escores totais dos Testes ABC de Lourenço Filho, após a 2ª Avaliação.

Gênero	Melhorados		Não Melhorados		Total	
	N	%	N	%	N	%
Feminino	19	59,4	8	40,0	27	51,9
Masculino	13	40,6	12	60,0	25	48,1
Total	32	100,0	20	100,0	52	84,6

Teste exato de Fisher $p=0,1737$

Os resultados não mostram diferença significativa entre as porcentagens de melhorados dos gêneros feminino ou masculino.

Levando-se em consideração que, com uma única exceção, observada na questão 7 do Teste ABC, a análise estatística não revelou diferença significativa entre os gêneros. Para as demais comparações realizadas os gêneros foram estudados conjuntamente.

Em decorrência de tal resultado, quando foram estudadas possíveis relações entre as características das respectivas famílias e a evolução das crianças, em termos de melhoradas ou não melhoradas, foram reunidos os resultados, independente dos gêneros das crianças.

A mesma reunião dos gêneros feminino ou masculino foi adotada para o estudo das concordâncias entre os níveis de maturidade observado na 1ª e na 2ª avaliação.

Características Familiares

Com objetivo de estudar uma possível relação entre as características das famílias e a maturidade da criança, em termos de melhorados ou de não melhorados, após a 2ª avaliação do Teste ABC de Lourenço Filho, foi elaborada a Tabela 5.

Tabela 5 - Alunos da 1ª série do curso fundamental I, segundo a classificação em “melhorados” ou “Não Melhorados” após a 2ª avaliação do Teste ABC de Lourenço Filho, e a presença de cada uma das características familiares dos pais ou responsáveis.

Características Familiares	Resultado do Teste ABC Antes e Depois					Teste Estatístico
	Melhorados		Não melhorados		Total	
Estado Marital	N	%	N	%	N	
Com companheiro	20	62,5	12	60,0	32	Teste do Qui-Quadrado $\chi^2=0,03$ $p=0,857$ (NS)
Sem companheiro	12	37,5	8	40,0	20	
Total	32	100	20	100	52	
Escolaridade da mãe	N	%	N	%		
Fundamental	10	31,25	5	25,00	15	Teste do Qui-Quadrado $\chi^2=1,92$ $p=0,3828$ (NS)
Médio	15	46,88	13	65,00	28	
Superior	7	21,88	2	10,00	9	
Total	32	100	20	100	52	
Trabalho fora do lar	N	%	N	%		
Sim	32	100,0	20	100,0	52	Não analisável
Não	0	0,0	0	0,0	0	
Total	32	100	20	100	52	
Horário do trabalho	N	%	N	%		
Integral	28	87,5	18	90,0	46	Teste Exato de Fisher $p=0,588$ (NS)
Parcial	4	12,5	2	10,0	6	
Total	32	100	20	100	52	
Número de filhos	N	%	N	%		
Único	10	31,25	8	40,00	18	Teste do Qui-Quadrado $\chi^2=0,86$ $p=0,6510$ (NS)
Dois	14	43,75	9	45,00	23	
Três ou mais	8	25,00	3	15,00	11	
Total	32	100	20	100	52	

Idade da criança	N	%	N	%		
6	15	46,88	8	40,00	23	Teste do Qui-Quadrado $X^2=0,24$ $p=0,6272(NS)$
7	17	53,13	12	60,00	29	
Total	32	100	20	100	52	
Irmãos na mesma escola	N	%	N	%		
Sim	9	28,13	4	20,00	13	Teste do Qui-Quadrado $X^2=0,43$ $p=0,5104(NS)$
Não	23	7,88	16	40,00	39	
Total	32	100	20	100	52	
Meio de transporte	N	%	N	%		
Coletivo/escolar	25	78,13	18	90,00	43	Teste do Qui-Quadrado $X^2=2,15$ $p=0,3410(NS)$
Carro	4	12,50	2	10,00	6	
A pé	3	9,38	0	0,0	3	
Total	32	100	20	100	52	
Quem ajuda na lição	N	%	N	%		
Sem ajuda	2	6,25	1	5,00	3	Teste do Qui-Quadrado $X^2=2,07$ $p=0,5572(NS)$
Mãe	23	71,88	16	80,00	39	
Irmãos	3	9,38	0	0,0	3	
Outro	4	12,50	3	15,00	7	
Total	32	100	20	100	52	
Criança se veste só?	N	%	N	%		
Sim	25	78,12	8	40,00	33	Teste Exato de Fisher $p=0,004^*$
Não	7	21,88	12	60,00	19	
Total	32	100	20	100	52	
Assiste TV?	N	%	N	%		
Sim	32	100,0	20	100,0	52	Não analisável
Não	0	0,0	0	0,0	0	
Total	32	100	20	100	52	
Horas de TV	N	%	N	%		
2 a 4 horas	30	93,75	18	89,3	48	Teste Exato de Fisher $p=0,366(NS)$
5 ou mais horas	2	6,25	2	10,7	4	
Total	32	100	20	100	52	
Dormir a tarde	N	%	N	%		
Sim	3	9,38	2	10,00	5	Teste do Qui-Quadrado $X^2=0,38$ $p=0,8290(NS)$
Não	22	68,75	15	75,0	37	
Às vezes	7	21,87	3	15,0	10	
Total	32	100	20	100	52	

Dormir bem a noite	N	%	N	%		
Sim	31	96,88	19	96,4	50	Teste Exato de Fisher p=0,714(NS)
Não	1	3,12	1	3,6	2	
Total	32	100	20	100	52	
Prática de esporte	N	%	N	%		
Sim	10	31,25	6	30,0	16	Teste do Qui-Quadrado $\chi^2=0,07$ $p=0,9671(NS)$
Não	18	56,25	11	55,0	29	
Às vezes	4	12,50	3	15,0	7	
Total	32	100	20	100	52	
Brincar com amigos	N	%	N	%		
Sim	19	59,38	7	35,0	26	Teste do Qui-Quadrado $\chi^2=2,93$ $p=0,0872(NS)$
Não	13	40,62	13	65,0	26	
Total	32	100	20	100	52	
Comparece às reuniões	N	%	N	%		
Sim	29	90,63	18	90,0	47	Teste Exato de Fisher p=0,425(NS)
Não	3	9,38	2	10,0	5	
Total	32	100	20	100	52	
Reação quanto Advertências	N	%	N	%		
Conversa e não pune	16	50,0	10	50,0	26	Teste do Qui-Quadrado $\chi^2=0,01$ $p=0,9969(NS)$
Põe de castigo	3	9,38	2	10,0	5	
Fala com professora	13	40,62	8	40,0	21	
Total	32	100	20	100	52	
Pais sabem o nome da professora?	N	%	N	%		
Sim	32	100,0	20	100,0	52	Não analisável
Não	0	0,0	0	0,0	0	
Total	32	100	20	100	52	
Crianças gostam da professora?	N	%	N	%		
Sim	32	100,0	20	100,0	52	Não analisável
Não	0	0,0	0	0,0	0	
Total	32	100	20	100	52	
Leva brinquedo para escola?	N	%	N	%		
Sim	12	37,5	8	40,0	20	Teste do Qui-Quadrado $\chi^2=0,03$ $p=0,8569(NS)$
Não	20	62,5	12	60,0	32	
Total	32	100	20	100	52	

Responsável olha mochila da criança?	N	%	N	%		
Sim	32	100,0	20	100,0	52	Não analisável
Não	0	0,0	0	0,0	0	
Total	32	100	20	100	52	
Atitude frente a objetos estranhos	N	%	N	%		
Ignora	0	0,0	0	0,0	0	Não analisável
Não Ignora	32	100,0	20	100,0	52	
Total	32	100	20	100	52	
Reclama para ir à escola	N	%	N	%		
Sim	3	9,38	3	45,00	6	Teste Exato de Fisher p=0,411(NS)
Não	29	63,2	17	55,00	46	
Total	32	100	20	100	52	
Reclama por maus tratos na escola	N	%	N	%		
Sim	8	25,00	9	45,00	17	Teste do Qui-Quadrado $X^2=2,24$ $p=0,1347(NS)$
Não	24	75,00	11	55,00	35	
Total	32	100,0	20	100	52	
Pais já foram chamados na escola?	N	%	N	%		
Sim	1	3,13	20	5,00	21	Teste Exato de Fisher p=0,461(NS)
Não	31	96,88	0	9,50	31	
Total	32	100	20	100	52	

A análise não mostrou associação significativa entre as características familiares e melhora do amadurecimento.

Mudanças no nível de amadurecimento

Com objetivo de comparar as crianças em relação às possíveis mudanças nos níveis de amadurecimento ocorridos entre a 1ª e 2ª Avaliação, foi elaborada a tabela abaixo.

Tabela 6 – Crianças do 1º ano do Ensino Fundamental-I, segundo o nível inferior, médio ou superior de maturidade, apresentado na 1ª Avaliação (março 2013) e na 2ª Avaliação (junho 2013) pelo Teste ABC de Lourenço Filho.

1ª Avaliação	2ª Avaliação			Total
	Inferior	Médio	Superior	
Inferior	1	6	2	9
Médio	0	20	18	38
Superior	0	0	5	5
Total	1	26	25	52

Teste kappa de concordância

Coeficiente de concordância $KW = 0,20$ $Z = 2,61$ ($P = 0,009$)

Proporção de discordância = $\frac{0+0+0+6+2+18}{52} = \frac{26}{52} = 0,500$ ou 50,0%

Proporção de crianças melhoradas: $\frac{6+2+18}{52} = \frac{26}{52} = 0,50$ ou 50,0%

Proporção de crianças pioradas = $\frac{0+0+0+}{52} = 0,000$ ou 0,0%

Teste de McNemar

(Proporção de melhorado X Proporção de não melhorados)

$X^2 = 24,04$ ($p < 0,0001$)

O teste Kappa mostrou concordância pequena, porém significativa entre os níveis das crianças observadas na 1ª e na 2ª avaliação, evidenciando que 50,0% permaneceram nos níveis iniciais. O teste de McNemar mostrou que a porcentagem de crianças melhoradas (50,0%) foi significativamente maior do que a de crianças não melhoradas.

Na 1ª Avaliação, realizada em março de 2013, 9,6% (n=5) dos alunos ficaram no nível superior de maturidade, indicando que aprenderão a leitura e a escrita em um semestre. Observa-se ainda que 73,1% (n=38) dos alunos ficaram no nível médio de maturidade, indicando que irão adquirir a competência da leitura e escrita em um ano. Além disso, verifica-se que 17,3% (n=9) alunos ficaram no nível inferior de maturidade, sendo que provavelmente estes alunos apresentarão dificuldades de aprendizagem e terão problemas para aprender a ler e a escrever no 1º ano de escolaridade.

Já na 2ª Avaliação, ocorrida em junho de 2013, somente 1 aluno (1,9%) foi classificado no nível inferior de maturidade, enquanto o nível superior passou de 5 alunos (9,6%) para 25 alunos (48,1%). Observa-se ainda que 26 alunos (50,0%) ficaram no nível médio de maturidade.

Durante a aplicação dos testes, foi possível observar algumas crianças com dificuldades em relação à visão, deficiência na fala, comportamentos inadequados e algumas ainda apresentaram dificuldades ao manusear o lápis, empunhavam de forma incorreta. Todas essas observações foram comunicadas às professoras dos alunos para que fossem tomadas as devidas providências.

De acordo com os resultados da Tabela 2, observa-se que, na 1ª Avaliação, os testes 8, 6 e 2 foram os que apresentaram as maiores médias, sendo que estes testes estão relacionados com o aspecto da Rapidez Perceptiva (MARTINS, 2010)³². Em seguida, vieram os testes 1 e 7, que estão diretamente ligados à Coordenação Visual-Motora. Os testes 3, 4 e 5 tiveram as menores médias, que ficaram entre 1,4 e 0,9 pontos, sendo que os testes 4 e 5 mensuram a Facilidade de Memorização de Conceitos Verbais.

Conforme Frostig et al, (1994); Dias & Chaves,(2000)' Dias & Chaves,(2001)³⁵, a percepção visual motora tem como competência fundamental as aquisições escolares, sendo a base necessária para a aprendizagem da leitura e escrita e também a assimilação de palavras, fonemas e da ortografia, auxiliando no desenvolvimento das outras habilidades escolares.

Os testes 3, 4, e 5 estão ligados atenção e memorização, segundo Schnneider (2002) in³⁶, a criança por volta dos seis anos de idade, apresentam

maior capacidade de armazenar das informações. A memória de curto prazo apresenta um aumento no processamento e na velocidade, devido à maturação neurológica e o aumento da experiência. Quanto mais autonomia a criança tem para interagir com o meio ambiente, maior e a aquisição de conhecimento e a retenção informações fica mais fácil.

Na 2ª Avaliação, observa-se que os testes 8, 1, 6, 7 e 2 apresentaram, nessa ordem, as maiores pontuações médias o que está de acordo com os resultados obtidos na 1ª Avaliação, na qual os aspectos de Rapidez Perceptiva (testes 8, 6 e 2) e Coordenação Visual-Motora (testes 1 e 7) foram os que apresentaram as maiores médias. Da mesma forma, os testes 4, 3 e 5 também tiveram as menores pontuações médias na 2ª Avaliação, indicando que a Facilidade de Memorização de Conceitos Verbais (testes 4 e 5) apresentou as menores médias.

Conforme se pode observar na Tabela 2, todos os testes, com exceção do Teste 4, apresentaram diferença estatisticamente significativa ao nível de 5%, sendo que as crianças apresentaram desempenho melhor na 2ª Avaliação.

Na 2ª Avaliação, realizada após 3 meses, notou-se certa familiaridade dos alunos com os testes, uma vez que já haviam utilizado antes. E também os professores se interessaram dos conteúdos dos testes observaram as crianças na hora de fazerem a 1ª avaliação, demonstraram interesses em saber quais foram as dificuldades encontradas pelos alunos. Também observamos que os professores não tiveram nenhuma falta, não houve paralisação de aulas (greve dos professores) e no calendário escolar de 2013 tivemos poucos feriados.

A comparação entre a 1ª e 2ª Avaliação mostra que o teste de Lourenço Filho detecta uma evolução positiva entre as avaliações, isto é, há uma evolução no nível de maturidade das crianças após intervenção do professor.

Os resultados apresentados na Tabela 2 mostram que há uma diferença estatisticamente significativa ao nível de 5% entre os gêneros feminino e masculino no Teste 7 – Coordenação visual motora e índice de fadigabilidade, sendo que as crianças do sexo feminino apresentaram desempenho melhores que as crianças do sexo masculino.

Os resultados apresentados na Tabela 2 mostram que não há diferença estatisticamente significativa ao nível de 5% entre os gêneros feminino e masculino no Teste 8 – Índice de atenção dirigida.

A Tabela 3 apresenta a distribuição do nível de maturidade das crianças conforme os escores totais dos Testes ABC de Lourenço Filho, segundo o gênero feminino e masculino.

Os resultados apresentados na Tabela 3 mostram que não há diferença estatisticamente significativa ao nível de 5% entre os gêneros feminino e masculino no nível de maturidade das crianças conforme os escores totais dos Testes ABC de Lourenço Filho.

O desenvolvimento humano, crescimento e maturação, Frisancho, (2009), Gallahue & Ozmun(2006), Malina et al.(2009) in' Papalia & Olds (2000), Rogoff (2005)³⁷, afirmam que são processos contínuos relacionados com o ciclo de vida do ser humano. E que a aquisições motoras das crianças não são formas exclusivamente biológica ou ambiental, mas na interação socioculturais e biológicas no meio social em que o sujeito esta inserido.

Segundo Malina et al.(2009) & Rogol et al.(2002)in³⁷, a diferença no desempenho entre meninos e meninas é pequena ou inexistente, desde que os mesmos tenham oportunidade de desfrutar da mesma prática.

A leitura na sua verdadeira concepção permite, quando aumenta os conhecimentos, levar a transformações no comportamento e por consequência leva o ser humano a existir na sua complexa totalidade ou plenitude. Desta forma, a capacidade de ler leva atingir 3 grandes objetivos: adquirir informação, a construção do conhecimento, e isso permite completar tarefas, desenvolvendo gradativamente os interesses do leitor (Jenkins & O' Connor, 2002)³³.

Um levantamento bibliográfico realizado na literatura nacional indica poucos trabalhos recentes onde os Testes ABC de Lourenço Filho foram realmente aplicados em crianças brasileiras. Dessa forma, para fins de comparação, utilizar-se-á o estudo de Martins (2010)³², que aplicou os Testes ABC de Lourenço Filho em uma amostra de 149 crianças portuguesas da cidade de Coimbra em Portugal, encontrando 67% (n=100) dos alunos nível inferior, 29% (n=44) no nível médio e 4% (n=5) no nível superior.

Estes resultados são mais baixos que os do presente estudo, cuja aplicação dos Testes ABC de Lourenço Filho em 52 escolares do Ensino Fundamental I revela que 17,3% (n=9) dos alunos ficaram no nível inferior, 73,1% (n=38) ficaram no nível médio e 9,6% (n=5) ficaram no nível superior de maturidade. As diferenças observadas podem estar relacionadas com a amostra portuguesa, que utilizou

crianças oriundas de famílias em situação de desvantagem social (70% dos pais exercendo profissões de operários e trabalhadores não qualificados).

Segundo estudo de Montenegro (1982) in³², separados por gêneros e idades temos: meninas novas nível superior 0% nível médio 32% nível inferior 68%. Meninas mais velhas 4% superior 52% médio e 44% no inferior.

Já no gênero masculino os mais novos 0% superior, 56% médio e 44% inferior. Meninos mais velhos 4% superior 52 médio 44% inferior. Os meninos e meninas mais velhos não tiveram alteração são iguais. Segundo Montenegro 50% das crianças se encontra no nível inferior de maturidade.

Montenegro (1982) in³² também apresenta discrepâncias com o estudo atual. Em relação aos níveis inferiores de maturidade o estudo atual registra 17,3% o que é comum em relação ao estudo de Pina que registra 17,3%. Já Montenegro apresenta a amostra do gênero feminino 68% e as meninas mais velhas 44%. Os meninos mais novos 44% e os mais velhos 44%.

O estudo atual para o nível superior de maturidade registra 9,6% que também está de acordo com o estudo de Pina que apresenta 9,6 %. Já o estudo de Montenegro não registra meninas e meninos mais novos para o nível superior e registra 4% de meninas e 4% de meninos mais velhos para o referido nível.

Apesar da eficácia da pesquisa que fizemos, não podemos deixar de citar a limitação do estudo diante da amostra apresentada. A amostra foi pequena ficou restrita ao período manhã na escola estadual, num total de 52 alunos de ambos os gêneros. Mas mesmo dentro deste quadro, foi positivo e interessante observar o aproveitamento escolar de cada aluno.

Em relação ao material usado, não se observou dificuldades com as figuras, o material que utilizamos foi original data do ano de 1962, 7ª edição com material de aplicação original, todas as figuras são coloridas e conhecidas das crianças, sendo que algumas figuras apresentadas ou ditadas fazem parte do cotidiano das crianças (chave, sapato, casa, flor, cadeira e etc).

O Teste ABC de Lourenço Filho, além de fácil aplicação, é rápido entorno de 10 minutos para cada criança e se constitui em um instrumento capaz de avaliar a maturidade das crianças e podendo ser adaptável ao computador como forma de inovação e praticidade, e assim facilitar a inclusão de novas figuras e palavras.

5. CONCLUSÃO

Após a análise e discussão dos resultados do teste ABC de Lourenço filho para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, foi lícito chegar às conclusões abaixo relacionadas:

- 1- Com exceção da questão 7- Coordenação visual motor, em que as crianças do gênero feminino apresentaram valores significante maiores do que as do gênero masculino, para as demais questões a diferença entre os gêneros não foi significativa;
- 2- Os gêneros feminino ou masculino não diferiram significativamente nem em relação às distribuições dos escores 0,1,2,3 e nem quando comparadas em relação às distribuições de melhorados ou não melhorados;
- 3- Não houve associação significativa entre as características familiares e a condição de crianças melhoradas ou não;
- 4- O teste de Lourenço Filho mostrou que após a 2ª Avaliação, a porcentagem de crianças melhoradas foi significativamente maior do que as de não melhoradas;
- 5- A comparação entre a 1ª e 2ª Avaliação mostra que o Teste ABC de Lourenço Filho detecta uma evolução positiva isto é há uma evolução no nível de maturidade das crianças após intervenção.

O Teste ABC de Lourenço Filho, além de fácil aplicação, se constitui em um instrumento capaz de avaliar a maturidade das crianças.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A DA como é conhecida à dificuldade de aprendizagem e os transtornos que se apresentam na infância, é um fato marcante na vida de uma criança e da família, acarretando um enorme prejuízo no desenvolvimento pessoal e social do indivíduo.

Para justificar este fato, alguns educadores apontam os aspectos afetivos, perceptivos, imaturidade da criança. Os pais apontam para a inadequação dos métodos de ensino, acomodação, despreparo dos profissionais etc.

A educação inclusiva é lei, e exigem que as escolas estejam abertas as diferenças e a todos os alunos. Que a escola acolha todas as pessoas sem exceção respeitando as diferenças e garantido a todos o direito a educação.

Concordamos plenamente e julgamos necessário o contato social na escola com todas as crianças.

Ao falarmos em aprendizagem estamos falando, também, em desenvolvimento e aprendizado através da aquisição do conhecimento. Aprendizagem é um processo que se inicia na fase puerpério e depende de cada indivíduo no meio social em que esta inserido.

Por tanto é necessário avaliar toda a criança que está apta a ser alfabetizada, para sabermos o nível de maturidade em que ela está.

Pensando assim, foi que o Governo de Minas Gerais no dia 26/10/2012, o processo N: 50861-51.2012.4.01.3800 Terceira Vara (Anexo G), a cidade de Belo Horizonte, a ação Civil Pública que autoriza a avaliação psicológica de crianças ao ingressar no ensino Fundamental I, para verificação da capacidade intelectual do aluno ao ser alfabetizado, em todo território de Minas Gerais. Lá, não se faz a matrícula na série escolhida, sem antes ter submetido à avaliação. É lei, para que haja classes homogêneas intelectualmente preparadas com material adequado para a alfabetização.

Considerando que as crianças avaliadas deverão estar alfabetizadas ao final do ano letivo; caso contrário, deverão ser retidas, para alcançar o objetivo que é a alfabetização na 1ª Série do ensino Fundamental I.

Como sugestão no 2º ano do ensino fundamental I, com as crianças já alfabetizadas deverá ser introduzida noções de inglês.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1-Saul, A. M., Avaliação da Aprendizagem: Um caminho para a Melhoria da Qualidade na Escola. In: Avaliação Educacional: Fundamentos e Práticas. São Paulo, 2001.
2. Saul A. M. Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação do currículo. São Paulo: Cortez; 2010.
3. Abramowicz M. Avaliando a avaliação da aprendizagem: um novo olhar. São Paulo: Lúmen; 1996.
- 4- Luckesi, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.
- 5- Condemarín, M., Medina A., Avaliação autêntica: um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- 6- Kramer, S. (Org.). Com a pré-escola nas mãos. Uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1993.
- 7- Hoffmann, J. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.
- 8- Hoffmann, J. Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.
- 9- Chueiri, M.S.F. Concepções sobre a Avaliação Escolar. Artigo submetido à apreciação da Associação Brasileira de Avaliação Educacional – Abave, Estudos em Avaliação Educacional, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.
- 10- Lourenço Filho, Manuel Bergström. Testes ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita (7ª Ed.). São Paulo: Melhoramentos, 1962.

- 11- Silva, G.B.; Schelbauer, A.R. Lourenço Filho e a Alfabetização: Os testes ABC e a reforma do Sistema Educacional no Estado do Ceará. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.25, p. 122-131. mar. 2007 - ISSN: 1676-2584. Disponível em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/25/art10_25.pdf . Acesso em 19.03.2013.
- 12- Monarcha, C., Lourenço Filho, R. Por Lourenço Filho: uma Bibliografia. Brasília: INEP/MEC, 2001, disponível em www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/biobibliografia_v1_204.pdf
- 13- Monarcha, C., Lourenço Filho. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 152 p.: il. – (Coleção Educadores), disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4706.pdf>
- 14- AMARAL, A. A. M. A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DOS TESTES ABC PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO. Maringá UEM, 2011.
- 15- PINHEIRO, M. Fundamentos de Neuropsicologia – O desenvolvimento Cerebral da Criança, 2007, artigo disponível em <http://fug.edu.br/revista/artigos/Organizados/desenvolvimentosn.pdf>
- 16- PIKUNAS, J. e LUNZER, E. A In SILVA, F.S.G., Autonomia Comportamental das Crianças antes de ingressarem na Escola Primária: Comportamentos de Autonomia e Perturbação Emocional e Comportamental, Universidade de Lisboa, faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2008.
- 17- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3ª ed. São Paulo: Phorte; 2005.
- 18- PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, imagem e representação. Tradução: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/709/1/17508_dissertacao_de_mestrado.pdf
.Acesso em 24.03.2013.

19- RAPPAPORT, C. R. Modelo Piagetiano. In C. R. RAPPAPORT; FIORI; DAVIS. Teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais - Vol. 1. EPU,; 1981. p. 51-75.

20- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

21- PIAGET, Jean. Epistemologia Genética. Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

22- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2001.

23- PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência da criança. Editora Crítica: São Paulo, 1986.

24- VAYER, P. A criança diante do mundo: na idade da aprendizagem escolar, Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

25- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente. Ed. 6ª. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

26- PIÑEIRO, R. Nutrição e função cerebral nas crianças. Cerebrum Edições. Perú, 2010. IN: *Primeira Infância - Um Olhar desde a Neuroeducação*, Organización de los Estados Americanos (OEA) Secretaría Ejecutiva para el Desarrollo Integral (SEDI); Departamento de Desarrollo Humano, Educación y Cultura (DDHEC); Oficina de Educación y Cultura (OEC), 2010. Livro disponível em <http://portal.oas.org/LinkClick.aspx?fileticket=KZY3OMWkXBo%3D&tabid=1483>

27- Revista de Psicofisiologia, 1998. Sobrevôo: da ontogênese, passando pela infância e se detendo na velhice. Disponível em <http://www.icb.ufmg.br/labs/lpf/revista/revista2/sobrevo0/cap1.htm>

- 28- PIAGET, Jean. Seis estudos de Piaget. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 25ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- 29- LEMME, Paschoal. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e Suas Repercussões na Realidade Educacional Brasileira. Revista brasileira de estudos Pedagógicos. Brasília v 86, n 212, p 163-178, jan/abr.2005.
- 30- BEZERRA, C.L.A., MACHADO, M.C.G., Lourenço Filho: A importância do ensino da leitura. Maringá UEM - Seminário de pesquisa, 2008.
- 31- SIEGEL, S.; CASTELLAN Jr, N. J. Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento. São Paulo: Artmed-Bookman, 2006.
- 32- Martins, M.M.L.R.P., Maturidade e prontidão para a leitura: estudos de validade com o teste ABC de Lourenço Filho. Tese de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Coimbra, Coimbra 2010.
- 33- Jenkins, J.R., & O' Connor, R.E, (2002). Early identification and intervention for young children with reading/learning disabilities in R.Bradley, L. Danielson & D.P. Hallahan (Eds.), *identification of learning disabilities – research to practice*. (pp.99-149) New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- 34- Moreira, Rosana, S. T., Alves, Janaina S. e França, Bruna S. Efeito da demonstração, para meninos e meninas, no aprendizado da habilidade motora para de mãos. Instituto Filadélfia/UNIFIL. Trabalho apresentado no V Congresso Multiprofissional em Saúde, 2011.
- 35- Dias, Manuela & Chaves, J.H.S. Programas de Treinamento da Percepção Visual: Importância das tecnologias no seu desenvolvimento. Tese de Doutorado em Educação, Universidade do Minho, 2008.

36- Silva, R.S. Avaliação do desenvolvimento das habilidades cognitivas e motoras em alunos de educação infantil. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

37- Ré, A.H.N. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. Revista Motricidade © FTCD/CIDESD 2011, vol. 7, n. 3, pp. 55-67.

.

ARTIGOS CONSULTADOS NA REVISTA DE EDUCAÇÃO

FERRAZ, Anna Nogueira; BOLLIGER, Olga. Organização de classes selecionadas e aplicação dos testes ABC. Revista de Educação, São Paulo, v. 15-16, p. 52-55, set./dez. 1936.

LOURENÇO FILHO. O problema da maturidade para a leitura e a escrita. Revista de Educação, São Paulo, v. 3, p. 91-101, set. 1933.

_____. **Testes ABC** – para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita. 13. ed. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/resultados.asp?cat=11&subcat=31> Acesso em 17/02/2014.

PENTEADO, Onofre. Os testes ABC como meio de seleção de classe. Revista de Educação, São Paulo, v. 1, p. 185-194, mar. 1933.

FREIRE, Paulo. Escola primaria para o Brasil. In R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 86, n. 212, p. 95-107, jan./abr. 2005.

Anexos